Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

A DANÇA COMO EXPRESSÃO E ENGAJAMENTO SOCIAL NAS LUTAS FEMINISTAS

DANCE AS EXPRESSION AND SOCIAL ENGAGEMENT IN FEMINIST STRUGGLES

LA DANZA COMO EXPRESIÓN Y COMPROMISO SOCIAL EN LAS LUCHAS FEMINISTAS

Lauren Hartz Rosa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS, Porto Alegre, RS/Brasil

Flavia Pilla do Valle
Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS, Porto Alegre, RS/Brasil

Resumo

O texto busca refletir e compreender como a dança, estimulada por referências do universo pop, pode se tornar uma ferramenta para ampliar as discussões feministas no âmbito pedagógico. Por meio de seis entrevistas semiestruturadas, com ex-alunas de um estúdio de dança, Questionou-se como as experiências em dança contribuem à expressão e compreensão a respeito das discussões feministas? Ademais, como esses processos reverberaram posteriormente no cotidiano das participantes. A metodologia se inspirou na A/R/Tografia e na Pesquisa Feminista. A partir dos questionários, concluiu-se que a prática docente adotada organizou e tramou fazeres e pensamentos diversos, contribuindo na disseminação do conhecimento em dança.

Palavras-chave: Dança; Pedagogia Feminista; Cultura Pop.

Abstract

The paper seeks to reflect and understand how dance, stimulated by references from the pop universe, can become a tool to expand feminist discussions in the pedagogical sphere. Through six semi-structured interviews with former students of a dance studio, we questioned how dance experiences contribute to the expression and understanding of feminist discussions. Furthermore, how did these processes later reverberate in the daily lives of the participants? The methodology was inspired by A/R/Tography and Feminist Research. From the questionnaires, it was concluded that the teaching practice organized and planned different actions and thoughts, contributing to the dissemination of dance knowledge.

Keywords: Dance; Feminist Pedagogy; Pop Culture.

HARTZ ROSA, Lauren; PILLA DO VALE, Flavia. A DANÇA COMO EXPRESSÃO E ENGAJAMENTO SOCIAL NAS LUTAS FEMINISTAS. **Revista da FUNDARTE.** Montenegro, V. 63, N. 63, p. 1-19, Março, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

Resumen

El texto busca reflexionar y comprender cómo la danza, estimulada por referentes del universo pop, puede convertirse en una herramienta para ampliar las discusiones feministas en el ámbito pedagógico. A través de seis entrevistas semiestructuradas, con exalumnas de un estudio de danza, se planteó la pregunta ¿cómo las experiencias de danza contribuyen a la expresión y comprensión de las discusiones feministas? Además, cómo estos procesos repercutieron posteriormente en la vida cotidiana de los participantes. La metodología se inspiró en la A/R/Tografía y la Investigación Feminista. De los cuestionarios se concluyó que la práctica docente adoptada organizó y planificó diferentes acciones y pensamientos, contribuyendo para la difusión del conocimiento sobre la danza.

Palabras clave: Danza; Pedagogía Feminista; Cultura pop.

Introdução

Certa vez, uma de nós trabalhava numa oficina de dança na periferia da cidade de Porto Alegre/RS e foi surpreendida pela fala de uma das participantes, que disse: *se nem em casa nós podemos nos mostrar, muito menos no palco*. Essa fala talvez tenha sido a semente da dissertação (Rosa, 2023) que inspirou este artigo. Entretanto, talvez possamos pensar essas raízes muito anteriores, seja na falta de presença e protagonismo feminino em espaços públicos em nossa sociedade, ou mesmo no exemplo de nossas mães, as quais, muitas vezes. tiveram sonhos desconsiderados e oportunidades ofuscadas por um sistema patriarcal e machista. Tudo culminou, de forma direta ou indireta, neste trabalho. A cultura pop também entra de uma forma bem pessoal nesta pesquisa, visto que, parte da nossa experiência de dança se deu e se dá através das danças que nos chegam pela mídia: dançamos as músicas da Xuxa, passamos pela lambada, interpretamos Madonna entre outras referências. Essas questões reverberam e justificam a importância de se falar sobre esses assuntos na dança, afinal as referências midiáticas, também, contribuíram para diversas experiências corporais individuais e coletivas, que aproximam experimentações por meio da linguagem da dança.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

Este texto versa, portanto, sobre os temas Dança, Pedagogia Feminista e Cultura pop. Busca refletir e compreender sobre como a dança, estimulada por referências do universo pop, pode se tornar uma ferramenta para ampliar discussões feministas com base numa pedagogia feminista. Como as experiências em dança, estimuladas pelo universo pop, contribuem para uma expressão individual e coletiva e compreensão a respeito das discussões feministas? Como esses processos, posteriormente, afetaram a vida e o cotidiano das pessoas por nós entrevistadas.

Esta pesquisa envolveu um processo de análise de uma proposta de arte-educação, intitulada *Empoderamento Feminino Através da Dança*, que se desenvolveu entre os anos 2016-2020, pela primeira autora, que possuía um espaço chamado Estúdio KHAOS, no bairro Timbaúva, na cidade de Montenegro/RS. A metodologia se inspirou na A/R/Tografia e na Pesquisa Feminista. A A/R/Tografia "*busca o sentido denso e intenso das coisas e formatos alternativos para evocar ou provocar entendimentos e saberes que os formatos tradicionais da pesquisa não podem ou conseguem fornecer. [...] uma modalidade provocativa de fazer pesquisa*" (Dias, 2014, p. 255). Para isso, com o auxílio do designer Denisson Beretta Gargione, utilizou-se uma diagramação na dissertação para trazer visualidade à teoria e trazer imagens fotográficas para fomentar uma escrita artística. A Pesquisa Feminista, aliada à A/R/Tografia, também foi uma ferramenta para mobilizar certa transgressão na escrita acadêmica tradicional, pois

> Assumir a investigação feminista nesta perspectiva supõe, na verdade, muito mais do que um novo 'recorte' nos estudos ou a iluminação de áreas ou aspectos até então escondidos ou secundarizados. Supõe revolucionar o modo consagrado de fazer ciência; aceitar o desconforto de ter certezas provisórias; inscrever no próprio processo de investigação autocrítica constante – mas fazer tudo isso de tal forma que não provoque o imobilismo ou o completo relativismo. (Louro, 2014, p. 150).

A Pesquisa Feminista repensa o modo de fazer pesquisa e questiona fazeres hegemônicos e patriarcais. No caso, nossa pesquisa foi escrita no feminino, no qual as mulheres foram as protagonistas. Os referenciais teóricos trazidos foram predominantemente femininos. Buscamos legitimar e celebrar os saberes das participantes, predominantemente, mulheres, acolher as suas

REVISTA DA FUNDARTE

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

subjetividades, validar experiências pessoais e coletivas com autocrítica e de forma colaborativa.

A pesquisa em si envolveu duas etapas: questionário e entrevista. A etapa do questionário aconteceu em 2021, durante a pandemia de Covid-19. Esse questionário envolvia questões mais gerais sobre a experiência no estúdio, sem mencionar as temáticas do feminismo e cultura pop. Deixamos que essas questões emergissem das participantes para não as direcionar. Foram enviados 28 convites para alunas que participaram do Estúdio KHAOS por pelo menos dois anos de sua existência. Esse convite foi feito via aplicativo de WhatsApp e envolvia um *link* de um questionário no *Google Forms*. Nele constava, também, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Dos 28 convites enviados. Obtivemos 17 respostas, sendo 15 meninas e mulheres cis, um homem cis LGBTQIA+ e um menino trans. A partir dos questionários, foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas de modo presencial em um espaço de artes na mesma cidade de Montenegro/RS, para ampliar as reflexões trazidas no questionário. As participantes dessa etapa eram cinco meninas e mulheres cis e um menino cis LGBTQIA+.

Os relatos revisitaram memórias dançantes e experiências criativas coletivas entrelaçadas a percepções pessoais e subjetividades vividas dentro do Estúdio KHAOS, bem como impactos importantes, para as participantes dessa vivência arte-educativa, que transbordaram para outras esferas de suas vidas. No presente artigo, traremos alguns exemplos e recortes desta pesquisa, desenvolvida na dissertação de mestrado da primeira autora, orientada pela segunda autora, intitulada “Através da dança nosso poder floresce: criações cênicas inspiradas pelo universo pop a partir de uma pedagogia feminista”.

Dança *Contempop*

A dança na mídia, é muitas vezes, vista com certa desconfiança pela academia. De fato, aprendemos com Foucault (2007; 2008) a desconfiar dos conhecimentos, sejam eles quais forem. Portanto, acreditamos que não existe nenhuma posição transcendental, privilegiada, a partir da qual se possa definir certos valores ou instituições como universais. A proposta deste trabalho é, então,

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

assumir a cultura pop como uma cultura que atravessa muitos jovens e ver a potencialidade dela no trabalho de dança, mas sem fechar os olhos para suas limitações, clichês e críticas.

Nesse percurso, deparamo-nos com o trabalho de Odailso Berté, que forjou o conceito de Dança *Contempop*. Ele entende esse conceito como "*a possibilidade dos corpos recriarem, em forma de dança, modos como são afetados por imagens e artefatos em suas inserções nas tramas da cultura pop, dentro do vasto cenário das pedagogias culturais*" (Berté, 2015, p. 170). Assim como nós, ele acredita na potência de estímulos diversos da cultura pop como imagens, afetos, recombinações, referências cotidianas, para transformá-los em dança, pois a dança "*contempop [é] um complexo de imagens [artefato-ideia-ação] que se organiza nos modos como movimentos afetivos e movimentos de uso se aliam em movimentos de dança*" (Berté, 2015, p. 154).

Na proposta de arte-educação já mencionada, houve diversas discussões sobre músicas pop, suas letras e situações de cantoras como disparadoras para a criação. Videoclipes eram fonte de inspiração para a elaboração das coreografias. A cultura pop sempre foi motivadora das práticas criativas e foi percebida como eficiente caminho para as discussões feministas, uma vez que diversas músicas e videoclipes abordavam pautas importantes desse movimento, mostrando-se, portanto, como um possível canal para aproximar as pautas das alunas, propondo reflexões juntamente com criações cênicas. As cantoras Anitta, Beyoncé, Iza, Lady Gaga, Madonna, Pabllo Vittar, Rihanna (entre outras) sempre foram inspiração para as alunas através de seus visuais, videoclipes, coreografias e performances. Entretanto, começamos a tentar nos debruçar um pouco mais sobre as letras de algumas músicas e seus significados, lançando, a partir disso, novos olhares aos videoclipes ou possíveis releituras a eles, trazendo estímulos corporais e coreográficos a partir dos assuntos tratados nas canções. Além disso, muitas cantoras começaram a utilizar suas músicas para trazer problemáticas sobre as quais viviam, como a imposição de padrões de beleza, questões sobre autoestima e rivalidade feminina, relacionamentos abusivos, silenciamento de mulheres na nossa sociedade, entre outras discussões tão relevantes nas pautas feministas.

Em 2018, o intuito do Estúdio KHAOS foi discutir a imposição de padrões de beleza estimulados em nossa sociedade e como essa questão trazia sensações de

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

insuficiência, frustração, inadequação, artificialidade e uma distorção da própria imagem para as meninas e mulheres. Criamos então o espetáculo *As belezas de nossas singularidades nos movem*, no qual cada turma buscou representar essas discussões em suas cenas. Citamos aqui uma música escolhida nesta apresentação: *Pretty hurts* (2013), interpretada pela cantora Beyoncé.

> *Não há médico ou remédio que possa curar esta dor*
> *A dor está dentro e ninguém te liberta de seu corpo*
> *É a minha alma, é minha alma que precisa de cirurgia*
> *É a minha alma que precisa de cirurgia*
> *Sorrisos de plástico e negação só te carregam até um certo ponto*
> *Mas você quebrará quando a fachada de mentira te abandonar no escuro*
> *Você é deixada com um espelho quebrado e os cacos de um belo passado* (tradução nossa).

Nessa música, a referência visual do videoclipe foi fundamental, pois a cantora nele representa um concurso de beleza, e esse vídeo foi um grande motivador da coreografia. As alunas decidiram. Então, representar participantes de um concurso de beleza, as quais faziam de tudo para concorrer ao prêmio final, mostrando os impactos negativos dessa busca incessante e desumana pela perfeição. No início da cena existe um ambiente artificial e competitivo entre elas e, aos poucos, as angústias e frustrações vão tomando conta das *modelos*, que não aguentam mais tanta pressão e começam a abandonar as máscaras sociais, demonstrando o que realmente sentem por dentro.

A permissividade do processo criativo fazia com que as alunas se sentissem confortáveis em propor ideias e trazer referências que faziam parte de seus cotidianos, portanto, o que elas consumiam de forma individual, por intermédio da mídia, também, transformava-se em material para nossas discussões e para as próprias coreografias – inclusive elas já iam à sala de aula com os atravessamentos que aqueles produtos culturais causavam nelas de forma pessoal, propondo alguma pauta ou desejo artístico de pesquisa.

No ano de 2019, nossa ideia foi falar sobre representatividade feminina, trazendo diversas mulheres históricas ou ficcionais para a cena. Esse espetáculo foi chamado de *We can do it*, mesclando teatro e dança em sua construção. As apresentações passaram pelas representações de Frida Kahlo, Madonna, Naomi Parker Fraley, Rey Skywalker, Hermione Granger, Marilyn Monroe e Deusas no

REVISTA DA FUNDARTE

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

palco. Nesse processo é interessante destacar a construção colaborativa que tivemos nas turmas de mulheres adultas, de *Stiletto Dance*. Elas mesmas escolheram as mulheres que gostariam de representar – Madonna e Marilyn Monroe – e iniciaram um processo da criação de seus figurinos. A turma que optou por representar Marilyn Monroe contratou uma costureira para a elaboração das roupas. Elas definiam as ideias em conjunto e uma delas ficou responsável por mediar a organização com a costureira, trazendo as provas de roupas para a aula, testando os movimentos das coreografias. Nosso desafio foi um momento específico da cena, em que os vestidos levantassem com ventiladores, representando a icônica cena cinematográfica de Marilyn. As próprias alunas traziam diferentes ventiladores para as aulas e testavam os movimentos com os figurinos.

Na turma que resolveu representar Madonna, elas optaram por compor o visual com peças de roupas e elementos diversos comprados em lojas e com apoio de costureira, então elas se dividiram com tarefas para que cada uma buscasse elementos específicos. As meninas escolheram dançar a música *Like a virgin*, e então optaram pelo visual de noiva estilizada, que Madonna já havia usado em apresentações. Escolheram por ter um buquê na coreografia, confeccionado por uma delas, que em determinado momento foi jogado na plateia. Os processos colaborativos desenvolvidos nessas duas turmas foram muito interessantes de acompanhar em função de serem mulheres adultas, com autonomia, tanto financeira quanto pessoal, o que possibilitou que elas criassem uma dinâmica muito fluida entre elas. Várias vezes elas compartilharam vídeos e imagens das artistas inspiradoras e consideravam novas ideias e experimentações. As escolhas dessas figuras e todos os elementos que compunham as cenas e figurinos apresentaram muitos significados para as alunas, a permear questões sobre liberdade, autoestima, contestação e autorrealização.

Pedagogia Feminista como Método Dançante

Como professoras-artistas, tal qual Susan Stinson (1995, p. 78), questionamo-nos incessantemente sobre a nossa prática docente em sala de aula: "*[...] não somente sobre quais os melhores métodos pedagógicos para formar um*

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

dançarino, mas sobre o tipo de pessoas, de arte, de mundo que são produzidos nestes processos". Por isso, parece-nos importante pensar nossas práticas associadas à pedagogia feminista, vistas então como "*pedagogias emancipatórias, que pretendem a 'conscientização', a 'libertação', a 'transformação' dos sujeitos e da sociedade*" (Louro, 2014, p. 118). A experiência vivida no estúdio KHAOS nos parece especial e importante de ser investigada, analisada e divulgada por meio deste artigo bell hooks (2019, p. 19) corrobora tal ideia quando coloca que

> Em nossa sociedade não se encontra outro movimento por justiça social tão autocritico quanto o movimento feminista. Esta disposição para mudar de direção sempre que necessário tem sido a principal fonte de vitalidade e força para luta feminista. Esta crítica interna é essencial para qualquer política de transformação. Assim como nossas vidas não são estáticas, estão sempre mudando, nossa teoria tem de permanecer fluida, aberta, permeável ao novo.

A proposta do Estúdio KHAOS nasceu de uma ideia que, no início, era muito mais intuitiva do que o modo como apresentamos neste texto. O que tornava essa proposta feminista? Quais eram as práticas nesse espaço? Que dança é essa?

Em primeiro lugar, é importante dizer que esse espaço foi conduzido por uma mulher com múltiplas funções: diretora, arte-educadora, secretária, faxineira e o que mais fosse necessário. Em segundo lugar, esse espaço era frequentado por uma maioria de mulheres e meninas, o que é bem comum nos espaços de dança. Por fim, destacamos que esse espaço cultural teve já na sua origem uma proposta de comprometimento social e posicionamento político que pautava suas práticas através da colaboração, compartilhamento e protagonismos.

A proposta pedagógica ia para além da ideia de uma temática ou de uma criação artística sobre empoderamento ou sobre feminismos, evitando um caráter apenas ilustrativo/demonstrativo do assunto. Buscava-se, isto sim, abarcar as proposições feministas dentro de um ambiente de ensino, instigando as alunas tanto a pensar e discutir sobre as pautas desse movimento quanto a aplicar aquelas proposições na prática, mobilizando transformações internas e externas: criamos um ambiente de sororidade, no qual mulheres apoiavam mulheres – onde não havia estímulo à competição, nem à padronização dos corpos; valorizavam-se as diversidades e singularidades; os figurinos e ideias eram adaptados aos corpos

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

das alunas e não o contrário, conforto e bem-estar eram fundamentais; todas as contribuições eram importantes, desenvolvendo-se um processo horizontal e dialógico – cada coreografia, figurino, apresentação de final de ano era pensada em conjunto, validando contribuições, necessidades, preocupações e desejos pessoais e coletivos; as criações eram colaborativas, tendo as rodas de conversa como etapas fundamentais para definir o rumo das apresentações; as experiências pessoais e referências cotidianas das alunas eram também material e inspiração para cenas artísticas; buscava-se tratar a dança não como apenas experiência performática, mas como instrumento de expressão e reflexão social, mudando assim o foco das apresentações para não somente um momento de exibição e virtuosismo, mas para convidar e plateia a pensar sobre as coreografias, identificar-se com as problemáticas propostas e com as pessoas em cena, entendendo a apresentação como também uma contribuição social através da arte motivada pelas lutas feministas.

A relação estabelecida entre os envolvidos foi essencial para a proposta. A arte-educadora se colocava então como uma mediadora de propostas, estimulando que o coletivo trouxesse questões que muitas vezes emergiam de situações pessoais. Essas questões pessoais poderiam se tornar pautas coletivas e se tornar fonte de pesquisa para uma ideia a ser desenvolvida. Nesse sentido, as rodas de conversas estabelecidas durante a aula se mostraram uma importante ferramenta para a proposta, mas não excluíram a escuta atenta dos bastidores ou vestiários, que podiam trazer uma fala ou informação importante para a aula.

Para as mais iniciantes, a arte-educadora era mais ativa, tomando a frente algumas vezes, por outras organizando pequenos grupos de dois ou três para que as participantes se ajudassem na elaboração de pequenas sequências de movimento. Para as alunas mais seguras no processo de criação – que por vezes envolvia decodificar um movimento do vídeo, inventar um pouco mais do que o vídeo não mostra, adaptar o movimento para os corpos do grupo, entre outras situações –, a experiência era bem mais independente e as conferia um total protagonismo no fazer. A arte-educadora supervisionava e por vezes auxiliava numa relação horizontal de igual para igual.

Ao dar o protagonismo do fazer dança para as participantes, a arte-educadora agia mais com sua visão periférica e dava conta de observar e agir em

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

pequenas, mas significativas ações, como integrar alguém que não estava tão entrosada, estimular alguns movimentos corporais que emergiam e poderiam ter potencial, lidar com questões pessoais das alunas em paralelo, etc. Esse modo de fazer se mostrou uma importante ferramenta para o autoconhecimento das participantes, que fomentaram sua autoestima e autonomia por meio de sua dança. Além disso, proporcionar um espaço colaborativo amplia o entendimento das alunas sobre as diferentes maneiras por meio das quais elas podem contribuir para uma aula de dança ou criação. Quanto mais elas vivenciavam processos coletivos, a partir da pedagogia feminista e da gama de possibilidades proporcionada por estímulos da cultura pop, mais elas ousavam e propunham ideias, permitindo-se conceber propostas e validando suas capacidades criativas.

Certa vez, uma aluna que participava da turma adulta de *Stiletto Dance* chegou ao Estúdio KHAOS trazendo vários cabos de vassoura. Ela compartilhou com as colegas que estava caminhando na rua e os encontrou jogados no lixo em seu bairro e teve a ideia de utilizá-los como material em uma coreografia, pois estávamos em processos de discussão para definir nossas cenas da apresentação de final de ano. Por saber da possibilidade que nossas aulas tinham, em ouvirmos todas as sugestões e buscarmos compor uma proposta colaborativa, ela se sentiu confortável em propor sua ideia e veio bastante empolgada, já conversando com todas sobre possíveis movimentos com os cabos de vassoura, fazendo referência inclusive a videoclipes que ela já havia assistido, os quais traziam coreografias, por exemplo, com guarda-chuvas. A aluna, depois de recolher os cabos de vassoura, preparou-os para a utilização na apresentação, enriquecendo nossa experiência dançante. Os cabos de vassouras não só foram elementos de cena na apresentação, mas objetos que acabaram definindo muito o rumo da coreografia, instigando outras descobertas corporais que foram exploradas a partir dessa proposição.

Noutra vez, tivemos a situação de uma aluna que sofria com problemas de *bullying* na escola regular de ensino. Ela participava das aulas de dança criativa, e tinha em torno de 10 anos de idade na época. Nas aulas de dança, ela não só era extremamente dedicada e habilidosa, mas também era referência para muitas outras bailarinas do Estúdio KHAOS, que a admiravam. Entretanto, o problema na escola afetava sua autoestima, de modo que ela andava bastante chateada.

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

Sabendo dessa história, e percebendo todo o potencial da aluna, a arte-educadora propôs que ela fosse sua ajudante em uma nova turma de crianças que estava se formando. Nesse papel de colaboradora, ela iria estimular outras meninas na dança e explicar como funcionavam nossos processos criativos, ajudando as novas colegas a criar. Ela acabou sendo também muito admirada nesse novo papel pelas colegas. Posteriormente, no momento de definição da apresentação de final de ano de sua turma de origem, conseguimos conectar os interesses da turma numa narrativa que também abordasse o *bullying* e a exclusão, trazendo esse tema para dentro da nossa aula, sem nomear nem expor nenhuma pessoa em particular, porém provocando uma reflexão acerca de um problema social coletivo. E a aluna facilitadora acabou representando, na coreografia (que ela mesma criou, com acompanhamento e mediação da arte-educadora), o sofrimento de alguém que passava por esse processo, trazendo para cena suas angústias e tristezas, que foram transformadas, em movimentos ao som da música de Pabllo Vittar, em momentos de superação e libertação, resgatando sua autoconfiança. Depois da apresentação, a própria família, sabendo de todo o contexto e dificuldades, ficou bastante emocionada, compreendendo como aquela coreografia teve diversas camadas de significado, perpassando novamente questões pessoais e coletivas, discutidas por meio da arte.

O que dizem as entrevistadas?

A partir das análises das entrevistas e formulário, trazemos alguns destaques e análises evidenciadas pelas alunas aprofundadas na dissertação[1]. O primeiro ponto que foi bastante citado pelas alunas foi o fato de o Estúdio KHAOS ser um espaço diferenciado para elas, no qual elas tanto sentiam acolhimento e escuta, quanto o entendiam como um local de formação pessoal e ampliação de conhecimentos. São muitas falas, aqui trazemos alguns exemplos.

> A gente usa essa palavra – Estúdio – pra tentar explicar uma ligação, conexão, assim... O nosso funcionamento, da nossa relação e de como foi esse período né, porque não tem muito como explicar em palavras, ou qualquer expressão que eu use parece que não vai ser bom o suficiente, não vai explicar exatamente,

[1] Os depoimentos das alunas, produzidos nas entrevistas, estão anônimos, representados por iniciais aleatórias. Por essa razão, tais autorias não estão apontadas nas referências.

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

> porque aquela questão: que não era só dançar, não era só conversar... Com aquele socializar que a gente ficou, tipo, sentindo falta na pandemia... Como era preciso socializar. Não é só isso. É aquela questão que a gente literalmente se sente em casa, se sente, assim, acolhido. Se sente parte de algo. Que são pessoas que entendem o que tu tá falando, entendem o que tu tá tentando explicar, porque nem sempre vai conseguir uma palavra ou expressão pra conseguir explicar literalmente... Assim, é um sentimento de estar acolhido, pessoas que entendem a tua própria loucura. [...] Então, estúdio – palavra igual pra significar e expressar essa nossa conexão, essa nossa interação – não tem muito como explicar. Além disso, é mais do que sororidade feminina, é mais do que 'Ah, eu te escutei e agora vou te responder e vou te aconselhar'. É uma questão mais que tu sente. Eu sou uma pessoa que acredita nisso .(N.P.F., 2022).

As alunas também relataram perceber, no Estúdio KHAOS, um local de trocas, incentivos e parcerias, onde elas se enxergavam como um grande coletivo e não como competidoras. Não havia alunas protagonistas, personagens principais em apresentações, e sim compartilhamentos. Cada uma participava na medida em que se sentisse confortável, dividindo as cenas umas com as outras, alimentando a admiração entre elas:

> Uma palavra que eu aprendi no Estúdio e eu uso, até hoje eu falo pra minhas colegas, que muitas delas não conhecem na escola, que é sororidade. Foi uma palavra que eu aprendi no Estúdio com a professora, que é a questão da união das mulheres, uma ser amiga da outra, ajudar a outra. Eu uso esse ensinamento até hoje. Eu acho a questão da gente ser amiga, de não julgar a mulher, essa rivalidade feminina, que eu acho que não deve ter. E isso na dança eu percebi várias vezes, a questão da união da mulher na dança, em coreografias que ela passava pra gente, eu acho que sempre tinha essa questão da união da mulher. A profe nunca quis criar rivalidade com a gente, incrível. (R.S., 2023).

Com o andamento das aulas e das propostas de apresentação, as alunas percebiam que o que fazia sentido era utilizar a dança como ferramenta de expressão e reflexão social, e o objetivo, portanto, era dançar para contribuir com o coletivo, buscando transbordar para o palco as discussões de dentro da sala de aula, tendo inclusive um compromisso com o público que as assistia. E, por isso, entendiam que alimentar ambientes competitivos não fazia sentido dentro da proposta de pedagogia feminista que era estimulada:

> Uma das coisas que me mais me marcou no Estúdio é que, uma das visões do Estúdio, era que a gente não participasse de

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

> competições de festivais, porque isso, pra gente, tratava dança de forma mais fútil, e não era tanto a visão do Estúdio. Era mais íntimo, mais acolhedor. Em outros lugares que eu participei de aulas, de *workshops*, de outras experiências que eu tive, não é assim, não foi assim. Eu tive impacto muito negativo, com pessoas que queriam se atropelar a todo momento. Era competição, competição... Competição interna, às vezes, competição consigo mesmo. Isso é muito tóxico e as pessoas esquecem que a dança é muito além disso. Então, no Estúdio aprendi também que uma aula de dança ela vai muito mais além de coreografia, é muito mais sobre o que aquela pessoa está sentindo, é sobre como que o trabalho, como o nosso processo criativo, vai impactar na vida das pessoas que estão assistindo. O que que a gente vai levar, quem a gente vai incomodar, como que a gente vai incomodar essas pessoas... Então isso era muito interessante, era tudo muito interessante, fazia a gente querer questionar, pesquisar e bater de frente com essas ideias tóxicas, do jeito que as pessoas tratam a dança fora do Estúdio. (D.R., 2021).

O intuito era que as participantes compreendessem que o Estúdio se propunha a ser mais do que um local para aprender códigos e passos de dança, mas um espaço de liberdade de expressão, onde as fronteiras pudessem ser borradas. E, nas entrevistas, as falas delas demonstraram a percepção do significado da proposta arte-educativa ali desenvolvida:

> O Estúdio me ajudou muito. E eu percebo, assim, na escola, em lugares públicos, que a gente não tem a mesma liberdade de expressão em certos lugares como eu tinha no Estúdio. A questão de eu opinar, principalmente, dar minha opinião, em muitos lugares eu tenho que ficar mais quieta. (R.S., 2023).

Em função da proposta, as alunas relataram impactos pessoais em suas vidas a partir dessa vivência singular através da dança. Oportunizar diálogos e escuta nas aulas, legitimando as rodas de conversa como um espaço importante e recorrente dentro da metodologia, possibilitou o aprofundamento das experiências pessoais nesse coletivo:

> Então, quando eu cheguei no Estúdio eu era de fato uma pessoa medrosa, uma pessoa insegura, com a autoestima muito baixa, por tudo que eu já tinha vivido na minha infância, na minha adolescência, dentro da escola, de modo geral o que eu vivi na sociedade como um menino, uma criança gay [...] tinha medo, eu tinha pavor, assim, era difícil, quando eu cheguei no Estúdio, a gente participava de conversas, a gente podia se abrir, a gente podia falar o que que a gente tava sentindo... E as propostas, as

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

> coreografias, as dinâmicas que a gente fazia dentro de sala de aula, eu conseguia nessas dinâmicas colocar isso pra fora. E, dentro dessas dinâmicas, eu tinha bloqueios também, eu sentava várias vezes no chão e ficava parado, porque eu não conseguia dançar, porque aquilo realmente estava... Era algo sincero que tava dentro de mim, que eu tinha que colocar pra fora dançando, e eu não conseguia, porque era uma coisa muito difícil. Então foi um processo bem difícil de evolução como pessoa, como artista em formação, e isso fez eu me tornar uma pessoa muito mais sensível em relação à dança e querer mais ainda trabalhar com dança, e viver disso, e viver próximo disso, que é a dança. (D.R., 2021).

Nas entrevistas, as alunas demonstraram valorizar a importância das trocas e dos processos colaborativos. Ao ouvirmos relatos sobre processos e criações, foi-nos perceptível o quanto elas se sentiam importantes e validadas nas decisões, e o quanto de fato elas se sentiam criadoras e protagonistas, e não meras reprodutoras de passos:

> Nas criações coletivas, a profi às vezes chegava e falava 'Ah, vamos dividir o grupo em dois, ou tu faz esse pedaço da música, tu faz o outro, ou vão dando ideias, ou se juntavam em duplas' [...] Independentemente da quantidade que se juntava, todo mundo participava. Era cada um botando um pouquinho de si, não tinha ninguém que fazia uma coreografia que não colocasse um pouquinho de si. Dava a liberdade de todos darem a voz, falar alguma coisa, 'Ah, eu queria botar esse movimento ou nessa parte ela [cantora] fala isso, vamos tentar fazer algo mais sofrido, ou algo mais aberto, mais alegre'. Então era assim, a gente dividia as etapas, né, a gente dividia pedaços da coreografia e cada um, cada grupo, ou cada duplinha ajudava, interagia junto. E, depois, a gente compartilhava ou emendava tudo. (M.B., 2022).

Mesmo na reprodução de passos de dança, viam-se adaptações e criações:

> Era outra coisa que a gente tentava adaptar. Normalmente o que uma olhava não era sempre o que a outra olhava. Eu gostava de um clipe, que tinha os passos tais, e a minha colega gostava de outro. Então a gente tentava adaptar esses passos, né, pra nossa situação ali, até porque, dentro do grupo do *stiletto*, tinham várias pessoas, de várias idades, várias culturas, né, pensamentos diferentes, então a gente tentava adaptar os passos, desses videoclipes que a gente usava como referência, na prática. Não saía exatamente, até porque não era pra ser uma cópia, era pra ser só uma referência, era pra ser um estímulo. A gente fazia assim: a gente olhava vários clipes, mandava uma pra outra, a gente tinha um grupo [no *WhatsApp*]. (B.K., 2022).

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

Além disso, dentro dos processos criativos, a cultura pop, bem como referências midiáticas, demonstrou ser um caminho bastante efetivo para estimular as criações artísticas, como também aproximar as alunas das pautas feministas, despertando o interesse delas por esses assuntos, que, em outros momentos, pareciam distantes, complicados ou inacessíveis:

> Em relação realmente às músicas principalmente, as letras das músicas [...] era o que mais impactava em mim, porque às vezes a profe dizia 'Olha, vocês viram a letra?'. Teve uma no ano de 2018 que foi mais em relação ao nosso sentimento, sobre o que a gente sentia: tristeza, raiva, momentos de insegurança, a nossa ansiedade gritando... Então a gente pegava várias músicas de cantoras, que também às vezes sofreram com situações de abuso, de insegurança, de 'não tô bonita, tô me sentindo feia, horrorosa, acabada'. Elas, como cantoras, no caso, colocam tudo nas músicas e a gente pega a música e cria tudo na dança, a gente joga os nossos sentimentos tudo na dança. Mas a gente sempre sentou, pegou as letras, a profe vinha com os papelzinhos tudo impresso: 'ó gente, parem agora, sintam a música, leiam e acompanhem a letra ali'. Às vezes a vontade era de sair chorando, rs. A gente conversava, 'Ah! Mas vocês viram que (a cantora) passou por isso mesmo?'. A gente descobria coisas também, então mexia de alguma forma. (M.B., 2022).

Como consequência da pedagogia feminista associada ao trabalho em dança, e estimulada pela cultura pop, tornava-se possível uma melhor compreensão do que se tratava a proposta de Empoderamento Feminino através da Dança para as alunas, colocada pelo Estúdio KHAOS e que a pesquisa da dissertação em questão buscou elucidar. De forma bastante orgânica e gradativa, notamos que cada aluna construía para si essa percepção, com suas subjetividades e atravessamentos pessoais. Ao mesmo tempo que essa compreensão se conectava a experiências de vida singulares, proporcionando um sentido bastante pessoal, também acabava, simultaneamente, reverberando impactos dentro de coletivos:

> Para mim, empoderamento é eu fazer o que eu quero, o que eu me permito, não o que os outros querem que eu faça. É a minha vez. Isso eu vejo como ser uma mulher empoderada. É tu fazer o que tu quer sem pensar o que os outros vão julgar. Eu penso nesse sentido. E o Estúdio deixou isso bem claro, né, com várias reflexões, que isso, empoderamento. Cada dia que eu estou aqui eu estou reforçando o meu empoderamento. No momento que eu

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

> começo a desistir e, tipo assim, ficar escutando o que os outros falam, se eu desse importância para os comentários que eu escuto, eu já teria desistido. Mas eu não vou desistir, porque, que nem eu falei, a Lauren plantou a sementinha. E eu tento fazer isso com outras mulheres, eu tento plantar a sementinha em outras, que elas podem também. (T.T., 2022).

Muitas foram as falas e os depoimentos trazidos nas entrevistas. Esperamos que esses pequenos trechos possam ilustrar um pouco da experiência que vivenciamos em nosso cotidiano. Um resgate, mesmo que pequeno, do quão significativo foram essas vivências para as participantes.

Considerações finais

Como professoras-artistas, questionamo-nos incessantemente sobre quem queremos formar através das nossas práticas docentes. Este trabalho quis pensar as discussões feministas nos fazeres da dança. O universo pop foi um estímulo para nossos exercícios criativos de dança. Por intermédio das rodas de conversa, as temáticas de músicas, notícias, imagens e videoclipes – trazidos pela professora ou colegas – tornaram-se pautas para que cada participante colocasse suas subjetividades, suas opiniões e pensamentos. Seus saberes eram legitimados e suas experiências pessoais validadas de forma colaborativa. Tais pautas, ademais, eram pensadas para além do ambiente do Estúdio, instigando-nos a refletir sobre essas questões em nosso cotidiano, afora da dança.

O protagonismo das alunas era valorizado em todo o processo de aula e de criação. As mais experientes tinham maior autonomia e, as iniciantes, uma maior mediação da arte-educadora, que buscava agir mais como facilitadora do processo. O coletivo, ou seja, o trabalho de grupo era valorizado sem a imposição de padrões estéticos e métodos competitivos. Esse trabalho nunca teve a pretensão de resolver problemas pessoais e sociais com soluções mágicas, mas contribuir para o pensar numa formação atravessada pelas discussões feministas. Não pretende ser uma fórmula a ser aplicada em diferentes contextos educativos, apenas uma inspiração. Cabe aqui pensar como podemos proporcionar experiências arte-educativas que, articuladas com outras ferramentas, possam

REVISTA DA FUNDARTE

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

contribuir para a formação, expressão e sensibilidade de indivíduos, pois "*é preciso acreditar no que é invisível para torná-lo visível, sentir o que não é concreto para transformá-lo em real, possibilitar a viagem para dentro de si mesmo para explodir os sentidos e expressar o calor das imagens produzidas*" (Tourinho; Souza, 2016, p. 180).

O trabalho desenvolvido no Estúdio KHAOS acabou contribuindo para levar as discussões feministas para a comunidade local do bairro Timbaúva, ora alimentando reflexões a respeito de suas pautas, ora instigando uma aproximação das mesmas do público que acompanhava as criações artísticas. Familiares, amigas, comunidade escolares dos arredores, enfim, diversas pessoas que tinham acesso as apresentações realizadas pelas alunas, tinham uma oportunidade de pensar a respeito das discussões propostas nas cenas. Assim, o Estúdio KHAOS consolidava seu compromisso social e proposta principal proporcionando uma experiência artística que, alimentasse através de corpos em movimento, reflexões sobre o movimento feminista.

Assim, a experiência do Estúdio KHAOS – encerrada devido à pandemia de Covid-19 – foi uma proposta que, em seu início, era muito mais intuitiva. Era uma arte-educadora que acreditava nas perspectivas feministas e que estava cercada por mulheres e meninas. Um processo, pensado para as alunas, que acabou por ser também um processo transformador para a arte-educadora. Já no papel de pesquisadoras, o processo da escrita da dissertação foi importante para refletirmos sobre a prática docente passada, para organizar nossos modos de fazer-pensar e tramar pensamentos diversos, contribuindo, assim esperamos, à disseminação do conhecimento em dança.

Referências

BERTÉ, Odaílso. **Dança Contempop**: corpos, afetos e imagens (mo)vendo-se. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2015.

DIAS, Belidson. **Preliminares:** A/r/tografia como metodologia e pedagogia em Artes. In: AMARAL, Maria das Vitórias Negreiros do; SILVA, Maria Betânia e (Org.). *Conferências em Arte/Educação*: Narrativas Plurais. Recife: FAEB, 2014. p. 249-257.

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16º ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PRETTY hurts. **Intérprete:** Beyoncé. Compositor: Sai Furler. Estados Unidos: Parkwood, Columbia, 2013. 4min17s.

ROSA, Lauren Hartz. Através da dança nosso poder floresce: criações cênicas inspiradas pelo universo pop a partir de uma pedagogia feminista. Orientadora: Flavia Pilla do Valle. Porto Alegre: UFRGS, 2023. 236p. **Dissertação** (Mestrado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

STINSON, Susan W. Uma pedagogia feminista para dança da criança. **Pro-posições**, Campinas, v. 6, n. 3, p. 77-89, 1995.

TOURINHO, Lígia Losada; SOUZA, Maria Inês Galvão. A Preparação Corporal para a Cena como Evocação de Potências para o Processo de Criação. *ARJ–Art* **Research Journal**: Revista de Pesquisa em Artes, v. 3, n. 2, p. 178-193, 2016.

Lauren Hartz Rosa
Bailarina, produtora, diretora e arte-educadora. Graduada em Dança (UERGS), Especialista em Gestão Cultural (SENAC), Mestre em Artes Cênicas (UFRGS). Fundadora da Companhia KHAOS Cênica (khaoscenica.com). Também desenvolveu entre os anos de 2016 a 2021 o trabalho de empoderamento feminino através da dança no Estúdio KHAOS. Atualmente é professora de Artes Cênicas na Escola SESI.
ORCID: 0009-0000-5155-0449
E-mail: laurenhartz@gmail.com

Flavia Pilla do Valle
Professora Associada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e no Curso de Graduação em Dança. Bolsista Capes/PRINT/UFRGS para realização de Estágio de Professor Visitante na Coventry University/Centre for Dance Research (C-DaRE/Reino Unido). Doutora em Educação pela UFRGS, Mestre em Dança pela NYU e Especialista em Análise do Movimento Corporal pelo LIMS/NY.

HARTZ ROSA, Lauren; PILLA DO VALE, Flavia. A DANÇA COMO EXPRESSÃO E ENGAJAMENTO SOCIAL NAS LUTAS FEMINISTAS. **Revista da FUNDARTE.** Montenegro, V. 63, N. 63, p. 1-19, Março, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868

ORCID: 0000-0001-8657-8759
E-mail: flavia.valle@ufrgs.br

Recebido em:04 de junho de 2024 .
Aceito em:06 de agosto de 2024 .
Editor responsável: Júlia Maria Hummes

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

HARTZ ROSA, Lauren; PILLA DO VALE, Flavia. A DANÇA COMO EXPRESSÃO E ENGAJAMENTO SOCIAL NAS LUTAS FEMINISTAS. **Revista da FUNDARTE.** Montenegro, V. 63, N. 63, p. 1-19, Março, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br